

CORPO-VOZ-RITUALIDADE: Primeiras Abordagens

Body-Voice- Rituality: Initial Approaches

Fernando Aleixo
Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Resumo: Este artigo apresenta princípios com os quais trabalho atualmente nas fases introdutórias na abordagem da relação corpo-voz-ritual, no contexto de formação artística. Inicialmente, busquei por meio de relatos de experiências estabelecer uma definição para a condição denominada dimensão sagrada da voz. Posteriormente, relacionei os caminhos percorridos que referenciam os respectivos estudos, apresentando - ao mesmo tempo - uma sistemática pedagógica que norteiam as pesquisas sobre a voz e a fala poética.

Palavras-chave: voz-ritual; corpo-voz; fala poética.

Abstract: This article presents principles with which I currently work in the introductory phases in the approach of the body-voice-ritual relationship, in the context of artistic training. Initially, I sought through experience reports to establish a definition for the condition called the sacred dimension of the voice. Later, I related the paths traveled which refer to the respective studies, presenting - at the same time - a pedagogical systematics that guide research on voice and poetic speech.

Keywords: Voice-ritual; Body-voice; Poetic speech

O convite para produzir um artigo para compor uma sessão temática desta revista denominada *Som e Cena* apresentou-se, de início, como um desafio: de que modo abordar a questão da voz do ator enquanto sonoridade da cena. Embora a relação pareça direta, ou seja, o ator fala ou vocaliza e isto gera um material sonoro que passa a compor os signos construtores da cena, a questão colocada como desafio é ainda muito complexa se considerarmos os conceitos envolvidos em uma perspectiva ampliada. Neste sentido, o primeiro alargamento que me parece importante apresentar é justamente uma delimitação do tema: consideramos que, do ponto de vista da manifestação da voz, todo o som em cena é vibração e reverberação de impulsos de vida, emanados dos corpos e das várias materialidades presentes. Partirei justamente deste contorno de definição para apresentar uma abordagem artística pedagógica com a qual trabalho atualmente. Convém esclarecer que quando abordo a questão pedagógica, estou evidenciando a formação artística em nível de graduação e, portanto, enfatizando uma abordagem para uma faixa etária média de 17 a 22 anos. Contudo, isto não representa uma restrição, apenas um realce. De certo modo, pode-se dizer que este artigo atualiza e complementa o texto publicado neste mesmo periódico no ano de 2010 com o título *Reflexões sobre aspectos pedagógicos relacionados ao trabalho vocal do ator*¹.

1 ALEIXO, Fernando M. Reflexões sobre aspectos pedagógicos relacionados ao trabalho vocal do ator. *Moringa*, João Pessoa, Vol. 1, n. 1, 103-116, janeiro de 2010.

Delimitando o termo voz sagrada

Nos anos de 2015 e 2016 realizei um estágio de pós doutorado na Cidade do Cabo, África do Sul². Nesta ocasião, desenvolvi o projeto Voz e Rituais³ que teve como ênfase pesquisar a questão da voz no contexto de diferentes manifestações rituais como possibilidade de estudo conceitual e prático na relação corpo-voz-performance. Mais precisamente, a proposta teve como objetivo desenvolver um estudo sobre tradição oral africana (HAMPATÉ BÂ, 1980) no contexto específico do trabalho de formação artística, ou seja, observar em que medida essa tradição é atualizada enquanto potência do “trabalho sobre si”, no processo de formação de novos bailarinos e atores, considerando práticas pedagógicas que envolvam estudos corporais de identidade, memória, tradição, ritualidade, expressão e poéticas do movimento.

Nos trabalhos de campo foi possível observar o cotidiano de um país que reconhece oficialmente 11 idiomas. Dentre estes idiomas o Zulu é uma das línguas maternas mais falada. O convívio com os diferentes agentes desta cultura me revelou inúmeras manifestações tradicionais, hábitos e costumes ligados a uma cosmovisão específica. Um aprendizado peculiar que destaco, deu-se na relação do dia-a-dia com Mama⁴. Este encontro proporcionou-me uma vivência sobre a

2 Estágio de pós doutorado realizado na Escola de Dança da University of Cape Town no período de julho de 2015 a junho de 2016.

3 Projeto desenvolvido com o apoio da CAPES-MEC.

4 Nome fantasia.

ancestralidade, a tradição, a transmissão, a reverência, a escuta e a espiritualidade. Mama era uma senhora que trabalhava na comunidade em que eu vivia. Foram muitas narrativas compartilhadas com o contínuo esforço da compreensão do inglês sul africano. Mama relatou que havia recebido um chamado dos seus ancestrais para se tornar curandeira e assim colaborar com a família e os membros de sua comunidade cultural. O chamado havia sido efetivado por meio de sonhos. Após ter recebido e aceitado este chamado ela precisava passar por um estágio de preparação - estágio este que estava em desenvolvimento - coordenado por um mestre curandeiro que atuava como uma espécie de Xamã. Percorrido este caminho ela passaria a ser uma curandeira de doenças físicas, emocionais e espirituais.

Dois pontos deste convívio me tocaram profundamente e me acompanham até hoje: a primeira é a escuta dos ancestrais, a manutenção de um canal aberto, sensível, conectado com a ancestralidade e com toda a tradição perpetuada. Um outro ponto é o poder de curar; atualmente conhecido como Sangoma, o curandeiro tradicional é portador de diferentes conhecimentos cosmológicos, medicinais, fitoterápicos, espirituais e culturais. Conduz processos de preparação, de manutenção da cultura e da tradição, práticas e cerimônias espirituais de cura.

Esta experiência, somada às práticas ampliadas que tenho pesquisado nas áreas da educação, da arte e da medicina, apre-

sentou-me um novo universo de sentido da manifestação da voz, determinando o que passei a denominar *dimensão sagrada*. Esta dimensão considera a voz enquanto fenômeno vibratório que possibilita religar a vida com forças cósmicas que agem no ser humano, assume uma função sagrada, de conexão com a dimensão sutil que constitui o indivíduo.

O contato com Mama me ensinou que a voz emitida com respeito, amor e reverência tem um alto poder de reverberação no espaço e nos corpos presentes. Possui, ainda, uma força curativa à medida que colabora para o equilíbrio energético e emocional.

Outra experiência do referido estágio que me possibilitou a abertura de sentido do trabalho vocal foi o *Indigenous Choral Festival*⁵, um trabalho de cantos tradicionais performados em coro que teve como objetivo a preservação de tradições e de diferentes culturas, bem como a transmissão e sensibilização dos jovens sobre a importância de se reverenciar os ancestrais e de construir o *espírito Ubuntu*⁶. Tal experiência me fez observar que certos cantos, mantras e orações não só permitem a reintegração com a dimensão sagrada, como também impactam diretamente no entorno da comunidade do tempo presente: religa e harmoniza o

5 Festival realizado no Teatro Artscape, trata-se da edição do segundo semestre de 2015.

6 Há vários significados para a palavra Ubuntu; a mais próxima que reconheci nos relatos de pessoas com as quais eu convivi diz que “eu sou uma pessoa através de outras pessoas e minha humanidade está ligada à sua”; o espírito Ubuntu está ligado à importância da comunidade pois aquilo que eu faço afeta a todos globalmente.

passado, presente e futuro. São acontecimentos presentes que rompem as fronteiras da razão e possibilitam um contato profundo com uma dimensão própria sutil, universal e atemporal.

Referências e Arquétipos que amparam a prática

A proposição pedagógica com a qual trabalho atualmente está alicerçada em quatro experiências. Além da pesquisa já citada de pós doutorado que abordou o tema *voz e rituais*, outras três práticas consolidam e fundamentam a metodologia. A primeira é o trabalho que denominei *corporeidade da voz* que organiza com conjunto de ações voltado para o desenvolvimento de um saber sensível na relação do empenho técnico e poético da voz. A respeito deste trabalho já há publicado um considerável número de artigos e livros⁷ onde são apresentadas as fundamentações e os procedimentos deste trabalho.

Outra experiência prática que orienta esta proposição foi o contato com Maud Robart⁸. No ano de 2014 foram realizados ateliês e encontros semi-públicos promovidos em parceria pelas Universidade Federal de Uberlândia, Universidade de São Paulo e Universidade Estadual de Campinas. O ateliê foi constituído de

7 Ver livros: *corporeidade da voz: voz do ator* (ALEIXO, 2007) e *corpo-voz: revisitando temas, revisando conceitos* (ALEIXO, 2016)

8 Maud Robart nasceu no Haiti, em Port-au-Prince. No período de 1977 a 1993, Maud colaborou com Jerzy Grotowski em diferentes fases e programas: “Teatro das Fontes”, “Objective Drama” e Workcenter of Jerzy Grotowski. Atualmente vive na França.

uma prática denominada *Une introduction à l’exploration du chant vibratoire*⁹, as atividades ocorreram por meio de uma imersão de seis dias com trabalhos diários. Para além do conteúdo propriamente dito das dinâmicas do trabalho corporal e dos cantos, esta experiência se revelou como importante aprendizado à respeito da tradição e das formas tradicionais; permitiu-me lançar um novo olhar para estes conceitos bem como e, principalmente, para a questão de uma transmissão rigorosa, que respeita e reverencia o legado cultural e artístico deixado pelos nossos ancestrais (TINTI, 2006).

Uma terceira referência a ser compartilhada foi o curso de *Noções Básicas de Antroposofia aplicada a saúde*, promovido pelo Instituto Ajnar e ministrado pela Dra. Tânia Helena Alvares¹⁰ no ano de 2014. O curso percorreu conteúdos da Antroposofia enquanto uma ciência que considera o ser humano nas suas dimensões física, vital, emocional e espiritual. Foram abordados conteúdos sobre as leis que regem o desenvolvimento físico, psíquico e espiritual nas fases da vida; Imaginação, inspiração e intuição; etapas de desenvolvimento da prática meditativa; O sistema neurossensorial, rítmico e metabólico. O pensar, o sentir e o agir e suas relações com o processo de saúde e doença. Quadrimembração do corpo, os quatro elementos, os quatro órgãos e os quatro temperamentos. Atuação das

9 Tradução minha: Uma introdução à exploração do canto vibratório.

10 Dra. Tânia é médica antroposófica da CRPICS (Centro de Referência em Práticas Integrativas e Complementares) da Secretaria Municipal de Saúde de Uberlândia.

forças planetárias e das forças zodiacais na psique e no corpo humano. Também, foram desenvolvidas outras práticas como a terapia floral de Bach e terapia Reiki nível I e II (ALVARES, 2015).

Iniciações introdutórias

A ação pedagógica que venho desenvolvendo junto ao curso de teatro da Universidade Federal de Uberlândia está ancorada nas disciplinas ligadas aos conteúdos de voz: *consciência vocal, técnica vocal I e II*. Eventualmente sou também responsável pela disciplina *Corpo-voz* do curso de dança, grau bacharelado, desta mesma universidade. No contexto destes componentes curriculares, e respeitando as diretrizes pedagógicas, mudanças e adaptações são necessárias em função de cada grupo e condições de trabalho. Contudo, há uma sistemática de abordagem que preservo com o intuito de orientar os alunos a seguirem por um caminho de aprendizagem visando uma trajetória de autoconhecimento. Deste modo, as considerações que seguem apresentam aquilo que denomino de *iniciações introdutórias* do trabalho de corpo-voz-ritualidade. Esta sessão introdutória é desenvolvida em três fases concentradas nas três primeiras aulas/imersões. Cada fase/encontro está nominada simbolicamente de acordo com os objetivos e o foco do trabalho:

Primeira iniciação: a evocação do EU;
Segunda iniciação: o culto da MORTE;
Terceira iniciação: a celebração da VIDA.

Os objetivos principais destas fases são:

- a) despertar - no âmbito do corpo - a consciência mais profunda da condição somática do aluno: posturas, hábitos, padrões de movimento, respiração, alinhamento, etc;
- b) no âmbito psíquico identificar padrões de expressões nas dimensões do pensar, sentir e agir;
- c) No âmbito da individualidade vocal despertar a consciência para as características vocais: timbre, ritmos, tonalidades, intensidade, articulações, tessituras, etc., e a relação destas características com as questões próprias emocionais, culturais, sociais.

Para cada encontro há um conjunto de ações práticas e conteúdos específicos a serem trabalhados. No contexto deste artigo optei em apontar as referências-chaves do trabalho ao invés de descrever pormenorizadamente os procedimentos práticos, uma vez que as condições técnicas apresentadas poderão determinar mudanças e adaptações dos exercícios e das dinâmicas.

Primeira Iniciação: a evocação do EU

São muitas as dimensões que compõem a experiência humana de modo que o ser humano não está revelado para si mesmo completamente no âmbito dos sentidos e da consciência. Esta primeira prática visa a sensibilização e o despertar de uma percepção ampliada do corpo. Para isso o trabalho se apóia na visão antroposófica do homem como um organismo trimembrado constituído de um sistema

neurosensorial, rítmico e metabólico. Bases orgânicas das atividades do pensar, sentir e agir.

Caminhos:

A porta é um portal, a sala um templo para o aprendizado, o trabalho uma celebração e as ações um ritual de iniciação. Eu posso criar uma realidade e atribuir sentido para tudo que vivencio e realizo. Deste modo, podemos estabelecer contratos e acordos no ato de nos reconhecermos, valorizarmos e qualificarmos o encontro para que o trabalho se torne possibilidade de transformação. É necessário um grande esforço e empenho coletivo para que um espaço de troca e compartilhamento de experiências possa ser estabelecido. Certamente que aqui tocamos questões éticas, em valores humanos como o respeito, a atenção, o cuidado e o acolhimento. Para o encontro, para o estar com o outro eu preciso estar comigo e, portanto, despertar a atenção e tomar consciência de tudo que me atravessa e acontece.

Este primeiro encontro/iniciação está voltado para o desenvolvimento de dinâmicas corporais para despertar a consciência da pele, dos músculos e da estrutura óssea. Também, para sensibilizar o sistema de produção vocal. São programados exercícios envolvendo a produção, reconhecimento e simbolização das vogais e das consoantes. Rudolf Steiner, fundador da Antroposofia, em uma das conferências publicadas no livro *A Direção Espiritual do Homem e da Humanidade* nos apresenta considerações sobre a língua primordial,

as vogais e consoantes:

A Ciência Espiritual nos ensina que nos tempos antigos especialmente na Atlântida, existia uma espécie de *língua primordial* da Humanidade, um idioma em toda a superfície da Terra. A “linguagem” naqueles tempos recuados emanava, muito mais do hoje, das profundezas da alma. Pode-se perceber esse fato pelo seguinte: no período atlântico, as impressões do exterior atuavam de modo tal sobre os homens que a alma, ao pretender exprimi-las, era obrigada a manifestar-se pela articulação de uma consoante. O que existia no espaço tendia a ser imitado pela consoante. Os gemidos do vento, o rugido das ondas, a proteção oferecida por um teto, davam origem a sentimentos que se exprimiam pelas consoantes, que eram uma imitação desses fenômenos ou coisas. Ao contrário, as impressões interiores de sofrimento e de alegria, ou as sensações de outro ser, eram imitadas com a expressão de uma vogal. Isso demonstra que a alma, por meio da linguagem, sente-se em íntima comunhão com os fenômenos ou entidades exteriores. (STEINER, 1991, p. 23)

Nesta etapa iniciamos o trabalho com as vibrações ou ressonadores conforme abordado no trabalho *corporeidade da voz*. Com a imagem da consoante *M* trabalha-se a questão do princípio do espaço enquanto permissão, confiança e aceitação. Abrir espaços internos no corpo para que o corpo acolha o espaço externo. Aqui utilizamos uma imagem germinadora: eu não projeto o meu corpo no espaço, mas sim eu abro espaço no meu corpo para que o espaço externo adentre, ocupe, interaja, preencha, etc. Acrescen-

to a este trabalho dos ressonadores um referencial arquetípico que, do ponto de vista da Antroposofia, encontramos nas forças planetárias e zodiacais. Tais forças configuram os órgãos, o corpo humano e possuem funções físicas e qualidades psíquicas (BURKHARD, 2011).

Do ponto de vista das forças zodiacais trabalhamos com o arquétipo de touro. Este arquétipo está ligado à região cervical, à tireoide, ao pescoço e a força expressiva da vontade. Neste sentido, falar é um processo taurino.

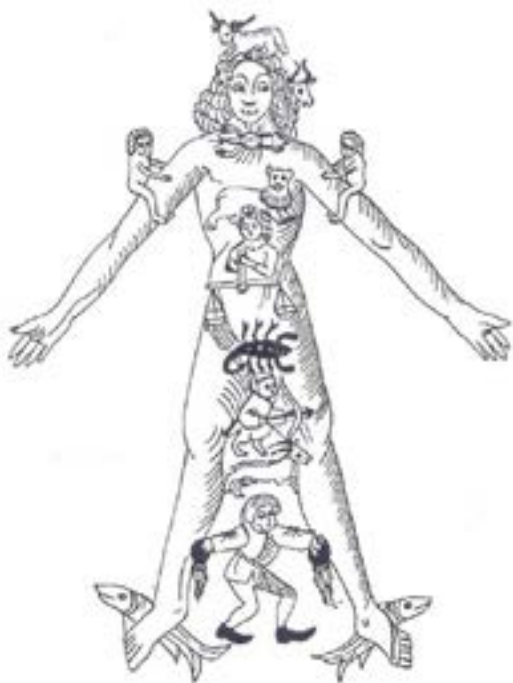


Figura 1: diferentes imagens do zodíaco relacionadas com diferentes regiões do corpo (BURKHARD, 2011, p.174)

Do ponto de vista das forças planetárias vamos trabalhar com o arquétipo de Marte que atua na região da laringe e

traz o impulso e a coragem para a fala (MORAES, 2015). O trabalho consiste em reconhecer e equilibrar a emanção desta força peculiar a cada individualidade, a qual alicerça suas bases sobre o desenvolvimento da motricidade realizado no primeiro ano de vida da criança (KÖNIG, 2014). Muito podemos inferir desta fase quando iniciamos o trabalho vocal.

Na Antroposofia, contamos ainda com o estudo da biografia humana que permite revisitar as fases anteriores da vida para compreender e transformar o momento presente. Este estudo se coloca como um grande aliado do trabalho vocal pois colabora para um diagnóstico e reconhecimento daquilo que determina o modo individual de ser e estar no mundo no presente. A fala se desenvolve no segundo ano de vida e é um aprendizado que se edifica através da imitação. A criança nos primeiros sete anos de vida trabalha seu processo de individuação através da transformação de toda substância corporal herdada, imprimindo suas próprias características em toda sua organização física, a partir de uma orientação dos pais ou cuidadores. Até os nove anos de idade a criança imita o gesto anímico dos pais, e na expressão vocal podemos identificar como se deu a construção desta etapa (KÖNIG, 2014).

As disposições atávicas, aquilo que é implantado em nós para manifestar-se mais tarde, estando portanto submetido às leis de hereditariedade, não depende das relações do homem com seus semelhantes. A hereditariedade nos dá um organismo em que a segun-

da dentição se efetua aos sete anos. Portanto, um ser humano poderia ficar isolado numa ilha deserta sem deixar de trocar os dentes, caso seu crescimento se efetuasse normalmente. Mas ele só aprende a falar quando seu ser anímico recebe uma incitação por ser o elemento permanente que persiste através das existências terrenas. O homem forma o germe da evolução de sua laringe no período em que ainda não tem consciência de seu próprio eu. Antes do mais afastado ponto que sua memória atinge, ele começa a formar a própria laringe, a fim de que esta se torne o órgão da palavra. (STEINER, 1991, p. 10)

A biografia estuda o desenvolvimento humano do ponto de vista físico, psíquico e espiritual em ciclos de sete anos. No âmbito desta abordagem, o trabalho considera com mais evidência os três primeiros setênios: 0 a 7; 7 a 14; 14 a 21 anos. Nesta fase os alunos são encorajados a pesquisarem alguns eventos de sua biografia¹¹:

- a) como foi o seu nascimento?
- b) como foi a alimentação nos primeiros períodos: amamentação, alimentos específicos, leites, etc?
- c) quais foram as suas primeiras impressões sensoriais?
- d) como e quando foi o início do seu caminhar e do seu falar?
- e) como era a casa, o lar, o ambiente e as pessoas responsáveis pelo cuidado?
- f) como era a relação com os familiares próximos?

¹¹ A maioria das questões foi tirada do livro de Burkhard Tomar a vida nas próprias mãos (2010).

Segunda Iniciação: o culto da MORTE

O conceito do trabalho desta etapa está amparado em uma questão disparadora: o que é que em mim precisa morrer para que novos conhecimentos possam nascer (?). Esta é uma condição primeira para a elevação do nosso pensamento para além da estrutura dicotômica, da insegurança e do medo. Neste sentido, é necessário o exercício da renúncia dos conhecimentos já fixados e apreendidos, e a expansão na busca por novas possibilidades, entendimentos, abordagem, olhares, presenças e acontecimentos. A morte, neste caso, simboliza o movimento que nos transporta e revela o desconhecido. A abertura para o início de um novo ciclo, para uma mudança profunda de reconhecimento de si mesmo.

Ao voltarmos a atenção para o trabalho cíclico orgânico do corpo como a motricidade, a circulação sanguínea, os ritmos respiratório e cardíaco, entre tantas funções biológicas e físicas, é possível reconhecermos rapidamente o constante processo de renovação, variação, troca, desenvolvimento, substituição e mudanças que envolvem a manifestação da vida.

Caminhos:

Convivemos cotidianamente com ciclos naturais como o dia e a noite, as estações do ano, o dormir e acordar, a inspiração e a expiração, a alimentação, a sístole e a diástole. O nosso sistema rítmico, que envolve respiração e circulação sanguínea, é responsável pelo equilíbrio entre

as funções dos sistemas neurosensorial, que envolve o sistema nervoso e órgãos dos sentidos, e o metabólico motor que envolve vísceras abdominais e membros. Corporalmente, os órgãos rítmicos estão situados na região torácica: coração e pulmões, protegidos pelas costelas. Contudo, a respiração envolve todo o corpo uma vez que ela ocorre em cada célula; do mesmo modo o sistema circulatório está composto por artérias, capilares, veias distribuídas por todo o nosso corpo. A prática desta etapa nos permite reconhecer no corpo o processo rítmico respiratório. A respiração aqui envolve muito mais do que inspiração e expiração, permite trabalhar os padrões de pensamento e de ações. Ainda, considerando o simbolismo da morte enquanto passagem de ciclo, trabalhamos com a possibilidade de integrar este estado de equilíbrio entre o pensar, sentir e agir nas experiências cotidianas. Adquirirmos novos hábitos de escuta, observação, e sensibilização de si mesmo nas pequenas coisas do cotidiano. Neste sentido, as mudanças ou novas formas de comportamento precisam ser incorporadas internamente e aplicadas nas ações diárias, com a intenção de transformarmos velhos padrões que não estejam alinhados com os novos caminhos almejados.

A prática pretende, por um lado, reconhecer e tomar consciência de formas e conceitos já instituídos e, por outro, liberar o pensar, o sentir e o agir de distorções, vícios e padrões que não sejam vitalizantes e alinhados com propósito de trabalhar a força da existência.

Praticamente, o *exercício da caminhada com cristal* nos permitirá trabalhar as forças opostas que agem sobre o corpo: atração e repulsa, gravidade e leveza, movimento e atrito. Esta dinâmica possui uma estrutura simples que parte da imagem de caminhar lento com duas taças de cristais delicados equilibrados nas mãos, enquanto trabalha-se a respiração e os ressonadores. Continuamos a encorajar os alunos com a pesquisa e revisão dos eventos biográficos:

Questões biográficas:

- a) Com que idade você ingressou na escola?
- b) Com que idade você foi alfabetizado?
- c) Qual sua lembrança dos professores e das matérias preferidas?
- d) Como foi a sua educação religiosa?
- e) você desenvolveu alguma atividade artística?
- f) Você desenvolveu alguma atividade esportiva?

Terceira Iniciação: a celebração da VIDA

Esta etapa vai enfatizar o RENASCIMENTO, a valorização da vontade, do desejo, da abertura dos canais sensíveis para novos aprendizados. É o germinar de novo como possibilidade de lançar luz sobre o sentido mais profundo da vida, da existência. É a criação da possibilidade de uma nova jornada, um novo caminho de busca e conhecimento.

Ao iniciar esta terceira fase o aluno já tomou contato com questões próprias

específicas corporais e emocionais e, também, já mobilizou e reconheceu estagnações e hábitos que podem estar bloqueando novas experiências. Também, já diagnosticou padrões comportamentais que revelam traços e qualidades da sua individualidade. Neste sentido, foi preparado um campo propício para seguir no caminho das mudanças, das transformações.

Aqui há a preparação para a jornada de estudo e pesquisa sobre questões técnicas que possibilitem a conexão com os impulsos de vida, com o sentido da existência, com a plenitude e com a condição de criação. Neste ponto podemos retomar o alargamento apontado no início deste texto: todo o som em cena é vibração e reverberação de impulsos de vida, emanados dos corpos e das várias materialidades presentes. Em verdade, conforme nos indica Kaká Verá, a vida humana é onda e vibração:

Comparando o pensamento da sabedoria oriental, africana e indígena sobre a definição do ser humano, torna-se claro que somos espírito e não matéria. Aprofundando um pouco mais a definição de espírito que, em sua raiz etimológica, adquire também o sentido de “Sopro”, existe a mesma equivalência na língua Tupi, cujo nome é “ayvu”. Assim, a tradição Tupi define o ser humano como um som, uma vibração. Quando, por sua vez, comparamos com os estudos mais avançados da ciência de hoje, particularmente a física quântica que também define a matriz do ser humano como onda e vibração. (JECUPÉ, 2015)

Caminhos:

Se pensarmos no caminho do aprendizado enquanto uma peregrinação rumo ao lugar sagrado que é o conhecimento de si mesmo, podemos aproximar sentidos ampliados para o trabalho prático. As primeiras questões que propomos é: o que de essencial eu levaria nesta jornada de peregrinação? O que é fundamental e o que é desnecessário? Do que eu posso abrir mão, renunciar, para tornar o caminhar mais leve e ágil? Aqui a celebração tem um duplo sentido: enaltecer minha força, coragem e vitalidade; e promover a vida coletivamente. Assim trabalhamos com uma dinâmica/ritual para promoção de um canto coletivo capaz de reverberar em cada e em todos: tocar as memórias, os vividos; reativar a vontade, o desejo, a ação. O cantar aqui é explorado como prática voltada para restabelecer o equilíbrio físico, psíquico e social do indivíduo. Aqui trabalhamos ainda com dois arquétipos imprescindíveis como dois pólos da vida humana: *a criança* que me ensina a estar inteira e sensível para aprender sobre o mundo e a vida; e *o velho* que me aconselha, me protege e orienta com sua experiência e sabedoria. Estes arquétipos são qualidades que estão em cada um, em todas as etapas da existência.

Jornada em processo...

Após estas fases de introdução, o percurso de desenvolvimento vocal seguirá na articulação do trabalho técnico com a essência orgânica da vida, pois, do ponto de vista da ritualidade da voz, a prática

está empenhada na busca do autoco-
nhecimento e na clareza de que se os
alcances estiverem conectados com a
verdade interior de cada um, se consti-
tuirá como um processo curativo, capaz
de potencializar a força criativa do artista.
Esta jornada está em desenvolvimen-
to nas pesquisas atuais e os resultados
poderão ser publicados posteriormente.

Referências Bibliográficas

ALEIXO, Fernando M. Corporeidade da voz: voz do ator. Campinas: Komedi, 2007.

ALEIXO, Fernando M. Corpo-voz: re-visitando temas, revisando conceitos – Body-voice: revisiting themes, reviewing concepts. Edição bilíngue. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

ALVARES, Tânia Helena. Implantação do observatório de medicina antroposófica no Sistema Único de Saúde do Município de Uberlândia: avaliação do primeiro ano de experiência. Anais do XII Congresso Brasileiro de Medicina Antroposófica. Arte Médica Ampliada. Vol. 35 | N. 4 | Outubro / Novembro / Dezembro de 2015, p.166-92.

BURKHARD, Gudrun Krökel. As forças zodiacais: sua atuação na alma humana. 5 ed. São Paulo: Antroposófica, 2011.

BURKHARD, Gudrun Krökel. Tomar a vida nas próprias mãos: como trabalhar na própria biografia o conhecimento das leis gerais do desenvolvimento humano. - 4. ed.- São Paulo: Antroposófica, 2010.

HAMPATÉ BÂ, Hamadou. A tradição viva In: KI-ZERBO, Joseph (org.). História Geral da África I. Metodologia e pré-história da África. São Paulo: Ed. Ática/UNESCO, 1980.

JECUPÉ, Kaká. Entrevista. Revista Pontifex: ciência, filosofia, arte e tradições sapienciais, Rio de Janeiro, Vol. 1, n. 02, 2015. Disponível em: www.revistapontifex.org.br

MORAES, Wesley Aragão. Medicina Antroposófica: Um paradigma para o século XXI. São Paulo: Editora ABMA, 2015.
KÖNIG, Karl. Os três primeiros anos da criança. 6ª ed. São Paulo: Antroposófica, 2014.

STEINER, Rudolf, A Direção Espiritual do Homem e da Humanidade: Resultados científicos-espirituais sobre a evolução da Humanidade. Tradução de Lavínia Viotti. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 1991

TINTI, Luisa (curatore). La Ricerca di Maud Robart - L'orizzonte arcaico e atemporale del canto integrato. Biblioteca Teatrale - Revista Trimestrale di Studi e Ricerca sullo Spettacolo. Italia, n. 77, p. 1-205, jan-mar 2006.

